
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 6, julho a dezembro de 2007

PRÁXIS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: tecendo saberes e fazeres

Marciléia Oliveira Bispo¹
Marizélia Alves dos Reis²

RESUMO

A abordagem da problemática ambiental é decorrente de um longo processo histórico, cujas transformações afetam toda a vida no planeta, e o século XXI tem sido marcado por um cenário de crises em várias esferas. E a educação ambiental é uma das balizadoras para equacionar estes problemas. Assim, este artigo tem como objetivo discorrer sobre experiências realizadas em educação ambiental na educação formal no Colégio Estadual de Cristalândia – Tocantins e que tem possibilitado a formação do sujeito ecológico. Antes, porém apresenta quais conceitos de educação e educação ambiental tem delineado a proposta desenvolvida na escola.

Palavras - chaves: Educação, Educação Ambiental, Práxis.

ABSTRACT

The approach of the environmental problematic is resulting of a long historic process, which transformations affect all life in the planet, and the XXI century has been marked by a setting off crisis in various spheres. And the environment education is one of the frameworks to set out these problems. Then, this paper has as object to discuss about realized experiences in environmental education in the formal education at 'Cristalândia' State School - Tocantins and that have made possible the formation of the ecological subject. Before that, however presents what concepts of education and environmental education have outlined the proposal developed in the school.

Keywords: Education, Environmental education, Praxis.

¹ marcileiabispo@hotmail.com - Mestre em Geografia, professora substituta na Universidade Federal do Tocantins - UFT – e Colégio Estadual de Cristalândia – Tocantins.

² marizeliafreire@yahoo.com.br - Diretora do Colégio Estadual de Cristalândia - TO e especialista em Planejamento Educacional.

1- Desenvolvendo a idéia de educação e educação ambiental abordada no projeto escolar

A abordagem da problemática ambiental, intensificada na era industrial, ganha repercussão mundial a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972. Essa problemática é decorrente de um longo processo histórico evidenciado pelas rápidas transformações que afetam a humanidade e a vida no planeta, e tem no advento da Revolução Industrial e no avanço do capitalismo as bases de seu crescimento, cujo ápice está no século XX. Tudo isso foi possível, graças, entre outros fatores, ao processo de globalização que tem como fundamento o desenvolvimento da técnica. De acordo com Santos (2002, p.192), “com a emergência do período técnico-científico, no imediato pós-guerra, o respectivo sistema técnico se torna comum a todas as civilizações, todas as culturas, todos os sistemas políticos, todos os continentes e lugares”.

Desde 1972, então, foram várias as conferências, congressos, seminários e literaturas discutindo e versando sobre o meio ambiente (MA), e a educação ambiental (EA) tem sido um dos esforços para formação de atitudes positivas ao MA. No Brasil se tem buscado com esforço a consolidação deste tema, seja nos meios acadêmicos, nas instituições governamentais ou não governamentais ou através da legislação (Constituição Brasileira, Lei da Política Nacional de Educação Ambiental e Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA). Porém, o que se observa, na maioria das vezes, é que a EA vem sendo proposta como uma solução mágica para a resolução dos problemas ambientais vigentes. Isso, em grande parte, gera apenas um ativismo dos envolvidos com a mesma, com uma proposta preservacionista/conservacionista, sem de fato aprofundar a discussão sobre a realidade ambiental em que se está inserido e sem provocar mudanças éticas com relação ao ambiente e ao seres que nele convivem.

O século XXI tem sido marcado por um cenário de crises, seja nas esferas econômica, social, cultural ou ética, agravando a cada dia a pobreza e os problemas no ambiente físico, tornando as relações entre as pessoas cada vez mais distantes, as relações entre países ricos e pobres cada vez mais deterioradas. Desta forma a EA configura-se como uma alternativa para reduzirmos esses conflitos, seja na esfera informal ou na esfera formal de ensino.

E percebe-se, que no cenário mundial, o crescimento quantitativo e qualitativo da EA é cada vez mais visível, e segundo Reigota (1998) a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos,

não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.

Nesta perspectiva, é fundamental pensarmos qual o conceito de educação que temos, pois, o significado que damos à educação é ponto de partida para a EA, sobretudo porque a instituição formal de ensino - a escola - onde se processa a educação formal é uma das vias para a concretude dessa EA, delineada em 1977 na Conferência Internacional de Educação Ambiental, ocorrida em Tbilisi – Geórgia (Ex- URSS)³.

Ao se buscar uma conceituação de educação nos defrontamos com diversos conceitos que podem ser conflituosos nas abordagens. Apesar dessa diversidade conceitual, a educação em linhas gerais tem sido entendida como um meio pelo qual o ser humano adquire saberes e apreende as heranças sociais do grupo a que pertence através de um processo formal de ensino. Porém, a educação possui outras significações mais amplas e complexas, que nos ajudam a tecer saberes em educação ambiental, como por exemplo, o que nos propõe Brandão (1993), a educação é muito mais que um processo formal de ensino, que um sistema centralizado de poder. Para ele, a educação pode existir livre e entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida.

O termo educação, como utilizado atualmente, nem sempre o foi, por exemplo: nas sociedades da Antiguidade oriental não havia reflexão discutindo a educação, pois essa preocupação com a formação estava ligada às práticas religiosas. Os povos gregos, também não possuíam e não utilizavam o termo educação, mas praticava um tipo de formação cujo objetivo era formar o ser humano integralmente. A cultura grega utilizava o termo - Paidéia - significando a formação do cidadão, daquele que iria elaborar a cultura, através de uma formação integral com uma direcionada à vida na polis.

Se buscarmos em Freire (1984, p. 27-28) o que é educação a teremos como “uma reposta da finitude para a infinitude, em que esta só é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado [...] A educação, portanto, implica uma

³ Essa conferência é apontada como a mais marcante no tocante à EA, pois em sua declaração consta princípios, estratégias, características e recomendações para a EA, a ser implantado no ensino formal nos diversos níveis e modalidades.

busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela”. Com esse conceito de Freire acrescentamos que a formação de saberes pela práxis em EA, ocorre pelo fato de que na educação é necessário diálogo e não transferência de saber, é preciso que haja um encontro de sujeitos que buscam a significação dos significados. Assim, é fundamental compreendermos os diferentes enfoques que o ensino recebe, para a partir daí vislumbrarmos uma educação que seja crítica, para um trabalho em EA, que repense o próprio sentido de educação e não fique meramente em informações.

Uma outra conceituação que consideramos importante na práxis em EA é compreendermos a educação além da dimensão individual e inserida dentro dos princípios do novo paradigma, requerendo uma educação mediadora do indivíduo consigo mesmo, com o mundo, com a natureza, implícita em um processo de cooperação e de parceria. Nas próprias palavras de Moraes, M. (2003):

Uma educação espiritual requer mais conscientização de fraternidade humana, a percepção de que não estamos sós e de que não podemos crescer isolados. A evolução é e será sempre coletiva. Depende do crescimento mútuo. É uma ligação espiritual que abrange sentimento, conhecimento e sensibilidade. É abertura, confiança, aceitação, um encontro profundo entre pessoas, que envolve relações humanas transformadoras, sem simulações, nem fingimentos, e a compreensão de que estamos neste planeta numa viagem compartilhada em busca do significado da vida. (MORAES, M. 2003, p.110)

Neste sentido, é inevitável não ficarmos atentos ao papel que a educação pode ter nesse momento, em que se evidenciam novas visões de mundo, novas visões de ser humano, que busca enfrentar as visões fragmentadas, a reprodução de informações e as certezas que tornam a pessoa humana nessa nossa era de globalização alienada e individualista, na qual a influência cartesiana na forma de interação do ser humano com o mundo produziu o domínio do ser humano sobre a natureza.

Pensar, portanto, o conceito de educação que adotamos no nosso cotidiano torna-se crucial para desenvolvermos uma práxis em educação ambiental que favoreça a formação de saberes e fazeres. Para que, a partir daí, possamos dirigir nosso olhar para como eminentemente vemos a EA.

No âmbito de cada instituição de ensino, a EA tem um significado diferente, e em grande parte assume o caráter meramente informativo ou de atividades de ensino. É notório e consensual que a EA formal, institucionalizada, tem sido realizada sob o prisma do conservacionismo, enfocando a natureza e com um discurso homogenizador.

É dessa forma que Bruguer (1999) ressalta que o que se pratica atualmente não é EA, mas sim adestramento ambiental, principalmente pelos limites que se impõe à educação.

Ao se considerar a EA como um processo contínuo de educação-ação, ela deve ser calcada no entendimento de educação que temos. Como o discurso predominante na educação tem sido voltado para a manutenção de uma classe dominante, podemos falar que a práxis em EA nas instituições formais de ensino, acontece mediante a visão que cada professor possui da temática ambiental, a partir das tendências que emergem no âmbito de cada disciplina e também através das vertentes que discutem a EA, seja nacional ou internacional.

Queremos apontar que hoje no processo formal de ensino, as propostas, as abordagens, as formas como a EA tem sido praticada são inúmeras, seja através dos pensamentos dos ambientalistas, ou das correntes pedagógicas da educação. Desta forma, consideramos que a EA hoje é plural.

E ao nos reportarmos ao conceito emitido para EA na Conferência de Tibilisi, “uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa de cada indivíduo e de cada coletividade” (Dias 2001,p.98), aferimos que diversos são os enfoques e modalidades com que esta vem sendo praticada. Os diversos sentidos da EA e sua inserção no currículo, como assinala Pardo Diaz (2002), são senão, a aplicação e a interpretação pedagógica da definição conceitual da EA, feita por essa Conferência.

Assim, as experiências em educação e em EA possuem formas, conteúdos, substância e significações. São esses elementos que nos direcionam a viver a educação e a torná-la prosaica e poética como nos fala Morin (2000): [...] “A educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”. E é nessa dimensão que se traduz a práxis em EA, que se traduz as relações com o ambiente que essencialmente irão se configurar na vida cotidiana.

Aqui entendemos que a EA é uma dimensão a ser incorporada ao processo educacional, pois apresenta toda uma recente discussão sobre as questões ambientais, e as transformações em que estamos inseridos no mundo atual, como também as transformações no conhecimento, nos valores e nas conseqüências dos nossos atos diante de uma realidade a ser construída, o que implicaria na formação de atitudes que

contribuam para o posicionamento do sujeito no mundo, frente aos problemas sociambientais evidenciado a cada momento.

Assim, EA ganha proporção no sentido de ser uma das balizadoras para equacionar esses dilemas, principalmente através da educação formal e também pode ser um caminho que desperte nos professores e nos estudantes a construção de uma visão crítico reflexiva da questão ambiental.

Com base nestes entendimentos de educação e EA é que desenvolvemos no Colégio Estadual de Cristalândia experiências em Educação Ambiental. Experiências essas que já se desenvolvem a mais de 12 anos e que atualmente buscam construir o sujeito ecológico, proposto Isabel Cristina de Moura Carvalho (2002), que significa um ser humano com sensibilidades ambientais, com valores éticos cuja formação de atitudes é ecologicamente orientada.

2- Relatos de uma experiência

A educação ambiental é tratada de forma transversal, porém nos 6º anos e nos 1º do Médio Básico do Colégio estadual de Cristalândia são desenvolvidas atividades específicas nestas turmas, pois nas disciplinas de Geografia, Ciências, Biologia, Língua Portuguesa e Artes o conteúdo programático do segundo semestre faz referências específicas à temática ambiental. Enfatizamos que as atividades desenvolvidas na escola não são de posse apenas destas disciplinas, mas o grupo de professores destas disciplinas se reúne e trabalha conjuntamente o tema. O trabalho funciona, pois três são os elementos que garantem a concretização do mesmo.

O primeiro é o foco inicial das atividades que consiste em ligar a temática à realidade local, ao lugar, este é o ponto de partida. A cada ano se escolhe um tema local, no ano de 2006, o ponto de partida para as atividades foi o lixo. O estudo do tema ocorre em função da sociedade moderna ter aumentado o consumismo de tal forma que leva a interferência humana nos ciclos naturais, ou seja, a um crescimento na produção de lixo num mesmo ritmo de crescimento da industrialização.

Fazemos a referência em ligar a temática ao lugar, por entendermos que pensar o lugar, não é só pensá-lo em apenas uma escala, mas em diversas, sendo que a experiência destes lugares nos remeteria à identidade com o mesmo, o que na perspectiva da EA torna-se um caminho para que estudantes compreendam o meio em que vivem: o ambiente próximo, que está em torno de si.

Acreditamos que o lugar é o palco onde se manifesta primeiramente a ação, é onde as relações são tecidas e partilhadas, é a realidade sensível em constante transformação, com ligações espaciais próprias que o caracterizam com uma carga também social, econômica, com processos lúdicos, de crenças, de imaginários. O segundo fator que possibilita o acontecimento destas atividades é que estão inseridas dentro do Projeto Político Pedagógico da escola e faz parte da visão de futuro da mesma, uma vez que a escola busca através de uma educação libertadora, incentivar a criatividade, formando o cidadão e sua adaptação a qualquer serviço. E o terceiro elemento, é que o objetivo para o trabalho com educação ambiental é alcançado a longo prazo, não se encerrando em comemorações específicas, como por exemplo o dia do Meio Ambiente.

No ano de 2006, o conteúdo programático foi trabalhado de diversas formas possibilitando a formação de saberes e execução de fazeres. Esta formação de saberes e execução de fazeres ocorre em várias etapas. Inicialmente há um diálogo com as turmas sobre as idéias da elaboração do projeto e as atividades as serem desenvolvidas. Nós professores começamos a desenvolver a temática com os estudantes a partir de uma indagação inicial referente ao meio ambiente. Para tanto investigamos inicialmente quais as representações dos alunos sobre meio ambiente, isso feito através de um desenho. E entendemos por representações como construções cognitivas refletidas nas concepções e vivências produzidas no cotidiano através do conhecimento dos sujeitos, tanto no plano individual quanto no grupo, entre o objetivo e o subjetivo (BISPO, 2005).

A partir do conhecimento das representações de MA das turmas envolvidas no projeto, são apresentadas sugestões e se define um nome para representar o mesmo. Assim o tema para 2006 foi: *Lixo, do inútil ao útil*.

Em seguida elabora-se um cronograma com as sugestões dos professores e dos alunos, nesta fase definimos as atividades que serão realizadas especificadamente pelos alunos dos 6º anos, as que serão realizadas pelos alunos dos 1º Médio Básico como também as atividades conjuntas, como foi a construção de panfletos informativos relacionados à temática, a pesquisa sobre consumo tradicional e consumo sustentável, arborização de espaços vazios na escola, leituras de textos informativos e vídeos educativos relacionados ao meio ambiente. Além dessas atividades desenvolvemos também uma pesquisa com caráter de iniciação científica, pois os alunos entrevistam

outros alunos e os funcionários da unidade escolar sobre o que é lixo para eles, fazem um levantamento dessas informações, em seguida passa a fazer a síntese, análise e conclusão, tudo isso sendo discutido e apresentado em sala de aula. Visitas também foram realizadas pelos próprios alunos aos seus vizinhos com o objetivo de colocar a eles os devidos cuidados que devemos ter com o lixo.

Outras atividades bastante significativas foram: a palestra realizada por uma aluna do curso de engenharia ambiental da Universidade Federal do Tocantins de Palmas sobre solo e resíduos sólidos, a visita ao depósito de lixo municipal (lixão) e uma proposta que foi desenvolvida e obteve muito êxito foi a educação fotográfica, em que os alunos em grupo e de posse de máquinas fotográficas tiraram fotos do ambiente local poluído com lixo e depois fizeram a análise, aqui tentamos trabalhar com a percepção ambiental. Aqui insistimos no trato com o conteúdo. Em classe são discutidos assuntos, subtemas do tema geral, como por exemplo: reciclagem, compostagem, água, lixos agrotóxicos e os cuidados com o solo.

Conforme já apontamos a realização de atividades apenas em um dia específico não é suficiente, pode até ser interessante e divertido, mas o ideal é que as atividades sejam contínuas. Porém, é necessário se criar um espaço na escola para que as ações desenvolvidas possam ser partilhadas. Assim, após a realização de todas as atividades que ocorreram durante o semestre na escola, marcou-se um dia para exposição dos trabalhos realizados e exposição de alguns materiais, pois acreditamos ser importante a integração com a comunidade. Neste dia foi apresentada à Secretária Municipal de Educação e Meio ambiente e ao Prefeito Municipal uma carta em que os envolvidos no projeto cobravam do poder público municipal a construção de um aterro sanitário e a implantação da coleta seletiva na cidade.

Neste dia contamos também com a participação do coral da escola e a presença dos Amigos da Escola que apresentaram músicas referentes à temática, danças e poesias. No salão da escola foi organizada uma exposição das fotos retiradas no trabalho de educação fotográfica expostas sobre caixotes de madeira usados em supermercados e também exposição de biojóias, uma árvore foi construída com o lixo nosso de cada dia e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Cristalândia se fez presente apresentando seus quadros confeccionados com sementes do cerrado.

Sinalamos que todas essas atividades são realizadas durante todo o segundo semestre letivo- agosto a novembro-, e possibilitam um caminho para que ocorra a formação do sujeito ecológico, segundo Carvalho (2002) pois, busca-se a formação de

um sujeito de ação política capaz de opinar e decidir sobre mundo no campo individual e coletivo. Ao término dessas atividades não se encerra a educação ambiental, pois as atividades direcionadas a essa temática devem ser contínuas.

Diversos desafios se apresentam durante o desenvolvimento das atividades e são resolvidos com base no diálogo entre o grupo de professores que se reúnem a cada 15 dias, como também os próprios alunos participam na resolução dos problemas que surgem. Conforme Reigota (1998), com a educação ambiental, a escola, os conteúdos e o papel do professor e dos alunos são colocados em uma nova situação, não apenas relacionada com o conhecimento, mas sim com o uso que fazemos dele e sua importância para nossa participação política cotidiana.

Nestes termos, é preciso estabelecer uma rede de conhecimentos de reconstrução de significados que permitam um diálogo entre as várias formas de se fazer educação ambiental, que acontecem pela dinâmica construída pelos saberes instituídos e nas relações do cotidiano, que são fortemente marcadas pelo movimento de atividades, pelos usos, pelos significados, pelos comportamentos e atitudes, pela importância e significado que tem para cada um do lugar vivido.

Ainda, o fazer pedagógico é uma das tramas no tecido para a práxis em EA, e nesse fazer pedagógico deve conter: sentidos, valores, processos. A pluralidade de experiências, de fazeres pedagógico cria diversos olhares sobre o mundo. Essa diversidade de fazeres é importante para a construção da EA, na medida em que articulam o local e o global. A valorização desses ‘fazeres’ deve ser somada aos saberes popular e científico para que se possa interpretar o mundo e modificar a realidade, possibilitando estabelecer identidades e elaborar horizontes para novos saberes e fazeres em EA.

Conclusão

A educação não deve se contentar com respostas prontas é preciso aventurar-se, inquietar-se. E a EA é processo. Processo este que pode ser transformador dos reducionismos e racionalismos do pensamento moderno. Para tanto, precisa incorporar metodologias, teorias e práticas estruturadas a partir de organizações; de relações complexas e da totalidade das interações entre os fenômenos naturais, culturais e sociais, a partir de uma contextualização histórica e epistemológica. Neste

direcionamento, a EA implica na formação de estudantes capazes de lidar com a complexidade que é a vida, a relação com os outros, com seus anseios e desejos.

Os resultados obtidos ao longo do projeto desenvolvido demonstram que de fato a formação do sujeito ecológico começa em casa. Um depoimento dado por uma mãe à uma das professoras envolvida no projeto, professora Martinha Reis, nos remete a isso: “ O meu filho agora quando chega em casa fiscaliza o tempo que gastamos no banho. Antes ele não tinha essa preocupação. Ele chega as vezes até a brigar com o seu irmãozinho, dizendo a este que ele não está contribuindo com o ambiente, pois desperdiça muita água ao banhar”. Sinalizamos que tema água foi um dos subtemas abordado no projeto e através deste depoimento começamos a perceber que as ações, o aprendizado na escola começa a acontecer na vida cotidiana.

Assim, a práxis em educação ambiental tece saberes e fazeres, sobretudo quando a finalidade do ato pedagógico não é apenas conscientização ou mudança de comportamentos, mas sim formação de atitudes, possibilitando que os próprios sujeitos formulem e expressem suas idéias e elaborem as suas próprias propostas, sempre questionando o significado dado à sua relação com o outro e com o mundo.

Referências Bibliográficas

BISPO, Mariléia Oliveira. *Educação ambiental e meio ambiente: as representações dos professores e estudantes do ensino fundamental de Cristalândia – Tocantins*. Dissertação de Mestrado. Goiânia-Goiás: IESA/UFG, 2005.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRUGGUER. Paula. *Educação ou adestramento ambiental?* Florianópolis: SC, Letras contemporâneas, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: Narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2002.

DIAS. Genebaldo Freire. *Educação ambiental: Princípios e Prática*. São Paulo: GAIA. 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MORIN, Edgar. MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PARDO DIAZ, Alberto. *Educação Ambiental como projeto*. Tradução: Fátima Murad, São Paulo: Artmed, 2002.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PDE. *Colégio Estadual de Cristalândia*. Cristalândia-Tocantins, 2006.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PRONEA. Brasília, 2003.

REIGOTA, M. *Meio Ambiente e Representação Social*. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.